

Reposicionamento da fonte: comunicação popular e decolonialidade no Portal Ocorre Diário

Reposicionamiento de la fuente: comunicación popular y decolonialidade en el Portal Ocorre Diário

Repositioning of the source: popular communication and decoloniality in the Ocorre Diário Portal

LUAN MATHEUS DOS SANTOS SANTANA¹, SARAH FONTENELLE SANTOS², ANTONINO CONDORELLI³

Resumo: Neste artigo analisamos o reposicionamento das “fontes” na comunicação e jornalismo popular, através da plataforma de Comunicação Colaborativa Ocorre Diário, compreendendo as multidimensionalidades da práxis jornalística, associadas ao pensamento decolonial (QUIJANO, 2005). Tomamos como base a decolonialidade da comunicação proposta por Villanueva (2017). A transmetodologia (EFENDY, 2002) é nosso método de análise, apresentando estratégias multimetodológicas. Identificamos elementos comuns entre as reportagens que convidam as “fontes”

¹ Jornalista, doutorando em Comunicação pelo Programa de Pós-graduação em Comunicação Social da UFC (PPGCOM-UFC), mestre em comunicação social pelo Programa de Pós-graduação em Comunicação Social da UFPI (PPGCOM - UFPI). É educador popular pela Plataforma Ocorre Diário e professor substituto de jornalismo na Universidade Federal do Cariri (UFCA). Contato: luammatheus@gmail.com

² Jornalista e Relações Públicas pela Universidade Estadual do Piauí (2013), mestra em Comunicação pela Universidade Federal do Piauí (2015). Doutoranda pelo Programa de Pós-graduação em Estudos da Mídia pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (PPGEM-UFRN). Repórter e editora - Ocorre Diário e professora substituta na Universidade Federal do Maranhão (UFMA). Contato: fontenellesarah@gmail.com

³ Professor Adjunto no Departamento de Comunicação Social da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Graduado em Ciências da Comunicação pela Università degli Studi di Siena, Itália; Mestre em Educação e Doutor em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Contato: profantoninocondorelli@gmail.com

(SCHIMITZ, 2011; LAGE, 2006) a serem participantes do processo, rompendo com a lógica hegemônica.

Palavra-chave: Comunicação popular; Decolonialidade; Fontes.

Resumen: En este artículo analizamos el reposicionamiento de las “fuentes” en la comunicación y periodismo popular, a través de la plataforma de Comunicación Colaborativa Ocorre Diário, comprendiendo las multidimensionalidades de la praxis periodística, asociadas al pensamiento decolonial (QUIJANO, 2005). Tomamos como base la decolonialidad de la comunicación planteada por Villanueva (2017). La transmetodología (EFENDY, 2002) es nuestro método de análisis, que experimenta con estrategias multimetodológicas. Identificamos elementos comunes entre los informes que invitan a las “fuentes” (SCHIMITZ, 2011; LAGE, 2006) a ser partícipes del proceso, rompiendo con la lógica hegemónica.

Palabras clave: Comunicación popular; Decolonialidad; Fuentes.

Abstract: In this article we analyze the repositioning of “sources” in popular communication and journalism, through the Collaborative Communication platform Ocorre Diário, understanding the multidimensionalities of journalistic praxis, associated with decolonial thinking (QUIJANO, 2005). We take as a basis the decoloniality of communication proposed by Villanueva (2017). Transmethodology (EFENDY, 2002) is our method of analysis, which experiments with multi-methodological strategies. We identified common elements among the reports that invite the “sources” (SCHIMITZ, 2011; LAGE, 2006) to be participants in the process, breaking with the hegemonic logic.

Keywords: Popular communication; Decoloniality; Sources.

Introdução

Desvendar o mundo é criação e reinvenção, nas palavras de Freire (1987) a transformação não pode vir sem o direito de dizer a palavra. Dizer a palavra é atravessar o mundo dos comunicados e criar dialogia, onde ação e reflexão são dimensões intrínsecas da comunicação. O presente trabalho busca refletir sobre o desafio da comunicação popular, que, ao buscar o *Direito de dizer a palavra* junto aos setores subalternizados, cria rotas alternativas, decoloniais.

Aportamos, como objetivo central, a análise do processo de reposicionamento da “fonte” na “Plataforma de Comunicação Popular e Colaborativa Ocorre Diário”, buscando identificar o relacionamento entre autores e fontes, as características que se configuram nesse processo e as

possíveis contribuições desse reposicionamento para a decolonização da comunicação.

O Ocorre Diário é um coletivo de comunicação e produção de conteúdo, que nasceu das lutas populares, estudantis, identitárias, dos movimentos sociais e mobilizações por direito à cidade e direitos humanos, na cidade Teresina (PI). O Ocorre foi fundado em 2018 e, desde então, se apresenta em formato de portal de notícias, com presença nas redes sociais. Em seu corpo, há jornalistas, líderes comunitários, comunicadores populares, ativistas, educadores e pesquisadores, incluindo a autora e o autor deste artigo.

Assim, como parte integrante da plataforma, buscamos métodos horizontais para pesquisa científica. Desta feita, torna-se importante a reflexividade (BOURDIEU, 2009) desde os sujeitos ativos no processo. Bourdieu (2009) nos ensina que o *habitus* científico exige um *modus operandi* de constante vigilância sobre nosso estar no campo e, paralelo a isso, sobre o nosso observável. Portanto, a reflexividade para este trabalho se torna fundamental, uma vez que avalia e reavalia em movimento constante.

O processo coaduna com a transmetodologia, que, segundo Sousa (2018), atua na dimensão do afeto, que não apenas enxerga o outro, mas o percebe como protagonista “sujeito comunicante que interfere, modifica e transforma” (SOUSA, 2018, p. 125), além disso, constrói uma arquitetura metodológica interdisciplinar. Para Efendy (2002), a perspectiva transmetodológica apresenta subsídios para condução do processo que parte da práxis e não se isola no objeto, mas compreende as interações entre os sujeitos da pesquisa. “A dimensão sensitiva e emotiva de nossos afazeres de pesquisa tem um papel crucial na construção dos objetos de conhecimento, sem paixão o pouco que aflora resulta enfadonho e repetitivo” (EFENDY, 2002, s/p).

Assim, mesclamos nesta investigação os procedimentos e técnicas para coleta de dados, às cosmovisões, vivências e experiências práticas enquanto sujeitos em um duplo movimento de pesquisadores e pesquisados. Nos valem da observação participante que, para Peruzzo (2003), este tipo de pesquisa precisa estar no ambiente natural onde acontece o fenômeno e interage com a situação, de modo que o observador possa “ver de dentro”, se envolver nas atividades do grupo e, de alguma forma, “assumir o papel do outro”. (PERUZZO, 2003).

A seleção do material foi feita a partir de uma abordagem exploratória no Ocorre Diário, por meio do acesso ao Painel Central do portal. Identificamos, entre março de 2018 e maio de 2022, um total de 422 publicações. O portal

apresenta na *home* principal um espaço denominado “em alta”, para disponibilizar os conteúdos mais acessados. Ao todo, são 10 conteúdos dispostos neste espaço, que podem variar na medida em que novas matérias são publicadas e alcançaram maior número de acessos.

Tomando isso como parâmetro, optamos por escolher as 10 matérias de maior visualização nesse período, entretanto, focando apenas no gênero jornalístico (LAGE, (2006). Isso nos forneceu um material para além do que está na *home* do Portal, movimento que só foi possível em razão do acesso às áreas restritas da plataforma pelos autores deste artigo que, como já dito, também são integrantes do Ocorre Diário. A transmetodologia e a observação participante foram utilizadas para descrever e compreender o processo de coprodução das matérias do Ocorre Diário junto às fontes.

Ao contrário de descartar a experiência, a vivência aqui se articula metodologicamente problematizando a episteme e a racionalidade moderna/colonial. A escolha por nos debruçarmos sobre as “fontes” se dá porque observamos no que-fazer da comunicação popular um processo peculiar de produção coletiva e desfazimento do binarismo fonte-jornalista, o que cria rotas significativas para o *dizer a palavra* fundadas no diálogo.

Nos tópicos que seguem, apresentamos uma costura teórica-empírica a fim de compreender o Ocorre Diário como uma plataforma de comunicação popular que se localiza dentro daquilo que conceitualmente vem sendo chamado de decolonialidade. Em seguida, realizamos uma discussão teórica sobre o conceito de fonte no jornalismo e apresentamos a análise feita a partir dos conteúdos do Ocorre Diário, para assim chegar às considerações finais deste artigo. Dessa forma, foi possível identificar um movimento de reposicionamento da fonte no Portal e suas principais características, quais sejam: a fonte presente no percurso, assumindo outras funções no processo para além de recurso/depositário da informação; a fonte como produtora do conteúdo, onde ela é convidada a relatar determinado fato, a partir da sua vivência e experiência; e a articulação com movimentos sociais, onde o Ocorre Diário difunde informações de ações e mobilizações de movimentos.

Ocorre: Comunicação popular e decolonialidade

Ocorre Diário vem, desde março de 2018, produzindo conteúdos jornalísticos, artísticos, de opinião, desde as mais diversas pautas que atravessam as coletividades populares e suas subjetividades. O Ocorre Diário

se configura como uma Plataforma de Comunicação Popular e colaborativa que tem incidido na realidade desde as compreensões dos setores subalternizados, cujas histórias, memórias e cotidianos são invisibilizados, assim como seus saberes e práticas.

Os principais espaços de circulação de conteúdo do Ocorre se concentram nas redes sociais *Instagram* e *Facebook* (@ocorrediariorio) e no portal (www.ocorrediariorio.com). É sobre este último que iremos nos debruçar neste artigo. O Ocorre Diário se firma como espaço que “ousa sonhar-fazer uma comunicação que liberte as potências emancipatórias, dialógicas, plurais e decoloniais da informação”⁴. É, portanto, parte do que autores/as como Kaplún (1985) e Freire (1987) chamaram de comunicação popular ou ainda comunicação alternativa e comunitária.

São práticas alteradoras com vocação libertadora e uma multiplicidade de experiências comunicativas (REYES-MATA, 2017). Esta comunicação se caracteriza por ser livre e desvinculada dos aparatos governamentais, com ampla possibilidade dos povos e comunidades subalternizadas *dizerem a sua palavra*, visando obter respostas para suas demandas advindas das desigualdades sociais (PERUZZO, 2009).

Freire (1987) desenvolveu elementos fundamentais para uma reflexão teórica e prática da comunicação popular, humanizada. Para ele, “a palavra, mais que instrumento, é origem da comunicação – a palavra é essencialmente diálogo” (FREIRE, 1987, p. 13). Baseando-se em Freire, Kaplún (1985) afirma existir uma comunicação bancária (com ênfase nos conteúdos), uma comunicação manipuladora (com ênfase nos efeitos) e uma comunicação dialógica (com ênfase no processo). Nesta última há a possibilidade de uma comunicação que nasce da coletividade e das camadas populares como emancipação.

É do diálogo que se estabelece a comunicação popular – uma comunicação oriunda das classes subalternas e essencialmente coletiva, horizontal e plural. Tudo aquilo que foge ao diálogo, ou seja, quando a reciprocidade entre os sujeitos igualmente livres é rompida, a comunicação é substituída por dominação. Para Freire (1995), é daí que surgem as relações de opressões que reduzem classes sociais subalternas à condição de “coisas” e a comunicação se torna uma “palavra falsa” (LIMA, 2015).

⁴ Disponível aqui: <https://ocorrediariorio.com/o-corre-e-diario/>

Assim, a comunicação popular só se faz por meio de uma participação efetiva, real. Uma participação que extrapola os limites impostos pela mídia convencional e se posiciona como um elemento capaz de ampliar e facilitar o crescimento “da consciência crítica da população”, na medida em que “fortalece o poder de reivindicação e prepara para adquirir mais poder na sociedade” (BORDENAVE, 1983, p. 12). Para Freire (1995) a “participação é um exercício de voz, de não silenciamento, de decisão, de direito de cidadania que se acha em relação direta, necessária, com a prática educativa-progredista” (FREIRE, 1995, p.73)

Como afirma Walsh (2013), os estudos e ações decoloniais são aprendizagem, desaprendizagem, reaprendizagem, ação, criação e invenção. Para entender este percurso teórico é importante entender o par modernidade/colonialidade. Para Mignolo (2005), não existe modernidade sem colonialidade, sendo esta constitutiva da primeira e não derivativa dela. Ela é, portanto, o lado mais cruel da modernidade, “que surge com a história das invasões europeias de Abya Yala, Tawantinsuyu e Anahuac, com a formação das Américas e do Caribe e o tráfico maciço de africanos escravizados” (MIGNOLO, 2017, p. 2).

Uma ferramenta crucial para a sustentação deste sistema-mundo é o padrão de poder (QUIJANO,2005). Para o autor, este padrão é alcançado por dois processos históricos que convergiram e se associaram: 1) A codificação das diferenças entre conquistadores e conquistados na ideia de raça; 2) Articulação das formas históricas de controle de trabalho. No primeiro caso, é a dinâmica de racialização e criação de identidades como negros, índios, mestiços, que até então não existiam. Os dois processos dão conta de epistemicídios – em linhas gerais, significa a mortificação dos saberes dos povos conquistados – e de ontocídios – a subjugação dos modos de existir.

Villanueva (2017), sistematizando a partir das conceituações de Aníbal Quijano, Walter Mignolo e Nelson Maldonado-Torres, aponta a “quádruple colonialidade”: 1) A Colonialidade da Cultura, onde se expressa a subjugação do imaginário social; 2) A Colonialidade do Poder, onde se agrega o conceito de Colonialidade do Ser, que versa sobre a superioridade de uns e a inferioridade de outros, gerando processos de racialização e outras assimetrias como as de gênero; 3) A Colonialidade do Saber, que se caracteriza como a dominação eurocêntrica na produção do conhecimento, excluindo tudo que não se ajusta aos parâmetros da racionalidade moderna; 4) Colonialidade do Fazer, como consequência das três primeiras na ordem prática da vida.

Para falar de uma comunicação que re-existe desde os territórios subalternizados é preciso articular a quádruple colonialidade para compreender os meandros de uma comunicação racionalista e modernizadora, que exclui subjetividades e pluralidades do cenário da fala. Em outras palavras, a negação do *direito de dizer a palavra* se articula de modo colonial versando uma comunicação que age na tessitura social para: 1) Manter o poder que é estruturalmente racista e patriarcal; 2) Coloniza e homogeneiza o imaginário social, excluindo ou inferiorizando culturas; 3) Opera na racionalidade moderna, excluindo outras formas de *dizer a palavra*, invisibilizando saberes e conhecimentos; 4) Opera na metodologia da racionalidade moderna, excluindo a diversidade do fazer comunicativo nas esferas dos subalternizados.

Assim, na comunicação, decolonizar também quer dizer refazer, recriar, repensar. Construir ferramentas de comunicação a partir de outros modos de ser e fazer; a partir de outros atravessamentos e das experiências cotidianas. Para Villanueva (2017), o processo de decolonização da comunicação se articula em um movimento duplo que, em primeiro lugar, a liberta conceitualmente na medida em que não se reduz ao fato transmissor mediado pelas tecnologias para fins de benefícios ao emissor; e, em seguida, a recupera na prática e no sentido mais amplo, livre de imposições e assimetrias (p. 32).

A comunicação é convocada a renascer como processo re-humanizador e de construção social pluriversal (VILLANUEVA, 2017), tendo suas bases fincadas na: 1) dialogicidade, na comunicação para a emancipação – aqui apresentada a partir das ideias de Freire (1987), Kaplún (1985) e Lima (2015); 2) democratização da comunicação, com garantia de pluralidade, acesso e produção; e 3) compreensão da comunicação como um direito humano fundamental, capaz de assegurar a re-humanização dos sujeitos oprimidos, historicamente excluídos e subalternizados.

Caracterização das fontes e seu reposicionamento no Ocorre Diário

Os estudos jornalísticos apontam as fontes como a matéria prima para a produção das notícias, no entanto, o que vem mudando com as novas configurações e apropriações dos dispositivos comunicacionais é que as fontes passam a assumir um lugar de produção. Segundo Schmitz (2011), as fontes passaram a produzir e oferecer conteúdo, agendando a mídia aos seus interesses. Não é novidade que as empresas de assessoria de comunicação

têm ganhado relevância no cenário, inclusive, economizando gastos nas redações de jornalismo. Mas os setores populares assumem um outro lugar neste cenário?

O desafio posto é lançar um olhar decolonial para a produção comunicativa, tomando por base a produção contra-hegemônica da Plataforma Ocorre Diário. Segundo Moraes (2013), o contra-hegemônico refere-se a um processo participativo que envolve grupos e indivíduos afinados com uma visão politizadora do jornalismo, a partir “do reconhecimento do campo informativo como uma arena marcada por disputas de sentidos pela hegemonia política e cultural” (MORAES, 2013, S/P). Neste caso, observamos como os setores populares são subalternizados nos estudos comunicacionais, não sendo diferente nos estudos sobre fonte jornalística. Tomemos como base o conceito de Schmitz (2011):

Fontes de notícias são pessoas, organizações, grupos sociais ou referências; envolvidas direta ou indiretamente a fatos e eventos; que agem de forma proativa, ativa, passiva ou reativa; sendo confiáveis, fidedignas ou duvidosas; de quem os jornalistas obtêm informações de modo explícito ou confidencial para transmitir ao público, por meio de uma mídia (SCHMITZ, 2011, p. 9).

A fonte, assim descrita, já nos convida a compreendê-la como o ponto onde a notícia começa, não seria demais afirmar que sem fonte – um manancial, início – não haveria notícia. É comum, nas escolas de comunicação, ao se estudar o conceito de “fonte de notícias”, focar no papel que elas cumprem (ou a forma como elas auxiliam) na construção das notícias. Assim, seu conceito e suas categorizações e taxonomias servem para identificar qual tipo de fonte será “objeto” para construção da notícia/reportagens.

Schmitz (2011) explica que a maioria das informações jornalísticas, portanto, aquelas que serão transformadas em notícias, vêm de organizações ou pessoas que vivenciaram determinada situação ou acontecimento. O autor apresenta uma categorização com nuances e características de cada tipo de fonte, com uma demarcação e interrelação entre os tipos, grupos e classes de fontes: a) categorias – primária e secundária; b) grupo – oficial, empresarial, popular, notável, testemunhal, especializada, referencial; c) ação – proativa, ativa, passiva, reativa; d) crédito – identificada, anônima; qualificação – confiável, fidedigna, duvidosa.

Apesar de amplamente discutidas, autores como Pinto (2000) acreditam que as referências para a compreensão e categorização das fontes ainda parecem insuficientes, diante de sua complexidade e importância para a construção dos

conteúdos jornalísticos, motivados sobretudo, por uma concepção utilitária e instrumental da fonte. O autor ressalta que é preciso estar ciente que as fontes também constroem estratégias e posições. Assim, propomos uma análise inicial acerca de um reposicionamento das fontes a partir da comunicação popular e comunitária em uma abordagem que nos leva a perceber as fontes como início, meio e continuidade, por fim, como um processo.

Poderíamos afirmar que é manancial, mas também fluxo/percurso, que transborda nas múltiplas resistências populares por emancipação e participação efetiva. Nessa perspectiva, a fonte não participa apenas como depositário inicial da informação, mas participa do processo, do percurso e do resultado. Como diz Freire (1995), uma participação que possibilita a quebra do silenciamento histórico aos setores oprimidos da sociedade.

O site analisado se subdivide em oito editorias: Geral, Cotidiano, Meio Ambiente, Diversidade, Direitos Humanos, Espiritualidade, A cidade, Arte e Cultura, Esperanças e Colunistas. Entre março de 2018 e maio de 2022 foram produzidos e publicados 422 conteúdos, entre ensaios, reportagens especiais, textos de opinião, vídeo-performances e etc. A maioria das matérias foram publicadas na editoria Direitos Humanos, seguida pelas editorias Arte e Cultura, Geral e Esperanças. Conforme explicado na introdução, analisamos aqui as matérias do gênero jornalístico de maior visualização, conforme quadro a seguir:

Nº	TÍTULO	DESCRIÇÃO	POSICIONAMENTO DA FONTE
1	“11 tiros, 4 Guardas Municipais e um homem executado: violação dos Direitos Humanos e desencontros das narrativa”	Caso de Alex Sander do Nascimento Simões, assassinado pela Guarda Municipal de Teresina, em abordagem realizada na rodoviária da cidade.	Fontes estiveram presentes em várias etapas da produção dos conteúdos, desde a disponibilização de informações, até a abordagem dos temas e divulgação dos conteúdos, por meio de um grupo no <i>WhatsApp</i> .
2	“Manifestação: mais de 20 entidades se unem nesta segunda (16)”	Matéria sobre defesa do patrimônio e contra a derrubada do passeio histórico da Av. Frei Serafim, Teresina (PI).	Fonte produtora do conteúdo, em ação colaborativa com o Portal Ocorre Diário.

	contra destruição da Frei Serafim”		
3	“Quando eles atiraram no meu filho, eles atiraram em mim também e na sociedade”, diz mãe de homem executado em Teresina”	Continuidade da reportagem “1”, pois houve a necessidade de ampliar o espaço de fala da família e dar vazão significativa diante dos áudios e depoimentos escritos da mãe de Alex Sander.	Nesse caso, a fonte (mãe da vítima), assume um papel para além de depositária da informação inicial, sendo assim coprodutora do conteúdo.
4	“E o Delta do Parnaíba? O perigo do petróleo cru não acabou”	Sobre o vazamento de óleo cru que ocorreu no ano de 2019 atingindo o litoral do Nordeste e Sudeste do Brasil. É resultado de um processo de observação participante e etnográfico de um colaborador.	Pelo fato do autor do texto atuar na comunidade, ele assume uma dupla função: fonte e produtor do conteúdo. Narra pelo seu olhar e junto com a comunidade. A comunidade relata suas histórias de vida e as fontes “oficiais” se inserem com notas acerca dos questionamentos dos comunitários.
5	“Programa Lagoas do Norte: Banco Mundial abre investigação para apurar violações do Direito à Moradia em Teresina”	Matéria coproduzida com comunitários da Boa Esperança, sobre processo de retirada de moradores de suas terras para atender a projeto de urbanização.	Cooperação entre comunitários, onde o texto é cocriação entre colaboradores do Ocorre Diário e moradores da comunidade. O Banco Mundial é inserido como fonte “oficial”, por meio de documentos expedidos pela organização.
6	“Buriti do cerrado tem potencial inibidor da Covid-19 e tem pesquisador negro no Piauí liderando esse estudo”⁵	Sobre o potencial do buriti para inibir o Covid-19 e a questão racial na ciência.	A fonte entrevistada desde uma escuta sensível e, posteriormente, é convidada a realizar um feedback do texto final da reportagem.
7	Sem respostas, família de homem executado em Teresina aguarda	Repercussão do caso da execução de Alex Sander do Nascimento Simões,	As fontes provocam os jornalistas para essa construção. Aqui se repete o observado na matéria 1, onde há um processo coletivo de construção da

⁵ Com esta reportagem o OcorreDiário logrou o terceiro lugar do 1º Prêmio de Jornalismo Científico da Fundação de Amparo à Pesquisa do Piauí (FAPEPI).

	há 27 dias pelo sepultamento	tratando da demora para liberação do corpo.	notícia, através de um grupo de <i>WhatsApp</i> .
8	“Elas nas telas’ dá um salve às mulheres artistas das quebradas teresinenses”	Material realizado por um jornalista e colaborador do Ocorre Diário que vivenciou o evento de hip hop “Elas nas telas”.	Autor como participante ativo do evento, registrando, intervindo e contribuindo. Além da vivência, o jornalista contou com relatos das participantes, que também coproduziram conteúdos fotográficos.
9	“Moradores da Vila Ferroviária, zona sul, denunciam ameaça de demolição de suas casas”	O material conta a história dos comunitários da Vila Ferroviária, zona sul de Teresina, ameaçados de desapropriação de suas casas para construção de uma galeria.	As fontes comunitárias participaram ativamente do processo, produzindo áudios, vídeos e fotos da situação relatada; os textos foram coproduzidos pelo Ocorre Diário, que articulou ainda respostas dos órgãos responsáveis (Prefeitura), que entrou com nota de fonte “oficial”.
10	“Ex-relatora da ONU pelo Direito à Moradia, Raquel Rolnik se lança em defesa das famílias atingidas pelo Programa Lagoas do Norte”	Sobre visita de comunitários ao “Laboratório Espaço Público e Direito à Cidade” da USP, seguido de nota de solidariedade de Raquel Ronilk.	Aqui, mais uma vez o Ocorre Diário se coloca como uma plataforma de difusão de conteúdo dos movimentos sociais (que historicamente encontram menor espaço mídia hegemônica), posicionando a “fonte” como produtora da informação.

Tabela 1 – Catalogação de conteúdos analisados (produção própria)

A partir deste quadro é possível identificar possibilidades de reposicionamento do papel da “fonte” no processo de produção dos conteúdos jornalísticos do Ocorre Diário”. Fugindo das classificações engessadas, as fontes se repetem em diferentes posicionamentos:

1) A fonte presente no percurso: assumindo outras funções no processo para além de recurso/depositário da informação (reportagens 1, 4, 5, 6, 7, 8 e 9);

2) A fonte como produtora do conteúdo: onde ela é convidada a relatar determinado fato, a partir da sua vivência e experiência (reportagens 3 e 10);

3) Articulação com movimentos sociais: onde o Ocorre Diário difunde informações de ações e mobilizações de movimentos (reportagem 1, 2, 5, 7, 9, 10).

Discutimos um reposicionamento, pressupondo que as fontes já têm uma posição definida no modo de fazer do jornalismo convencional/hegemônico,

onde seu uso tem se focado em oficializar fatos do cotidiano. Carvalho e Silva (2017), em pesquisa realizada em três portais da imprensa hegemônica/convencional de Teresina, identificaram a prevalência das fontes “oficiais” (59,5%) nesses veículos, em detrimento das fontes “populares”, demonstrando dependência e protagonismo das fontes ligadas aos órgãos de governo e gestão.

Um caminho inverso ao percorrido pelo Ocorre Diário que, além de colocar as “fontes populares” em um lugar de protagonismo, reposiciona seu papel. Dentre os tipos de fontes elencadas no quadro acima, 61,5% são “fontes populares” (lideranças comunitárias, movimentos sociais, ativistas, etc.), enquanto apenas 19,2% são ‘fontes oficiais’ e as outras 19,2% são especialistas, conforme podemos observar na imagem a seguir:

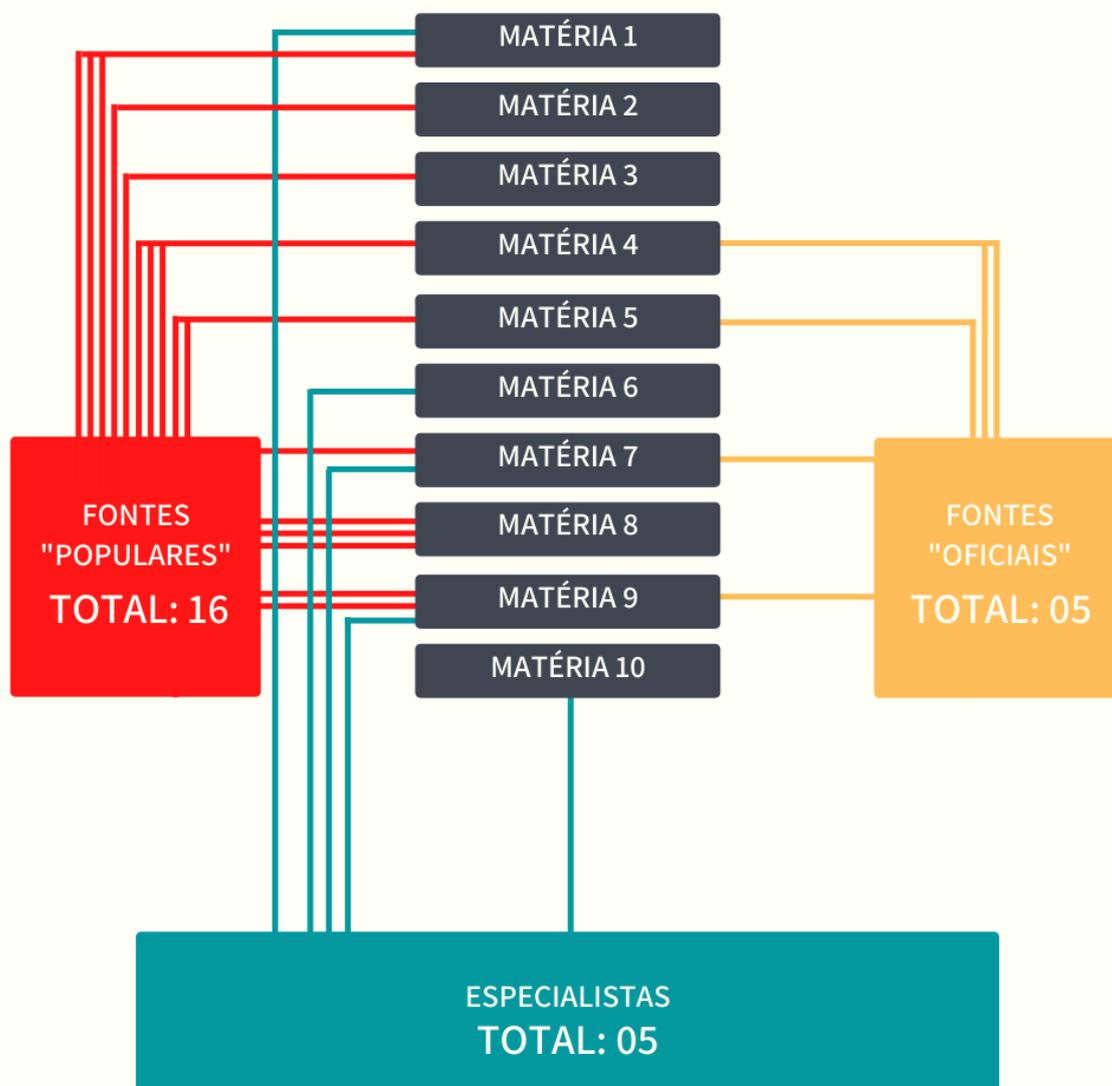


Imagem 1: distribuição dos tipos de fontes utilizadas nos conteúdos analisados (Produção própria)

Observa-se a partir desta construção coletiva, a possibilidade de produzir conteúdo com participação direta das “fontes” dos setores populares, procurando as fontes oficiais sempre que possível e necessário. Acreditamos que há uma reorganização no fazer jornalístico, apontando para desconstrução da colonialidade, visível na produção jornalística quando a rotina produtiva procura a fonte como um recurso (depósito de informação) para completar a sua narrativa, sem qualquer compromisso com os impactos posteriores.

Lage (2001) argumenta que poucas matérias jornalísticas originam-se integralmente da observação direta. A perspectiva da fonte como colaboradora ativa, como propõe o Ocorre Diário, traz à tona o jornalismo de vivência e interação.

Essa perspectiva pode ser definida como “fonte ativa” (SCHMITZ, 2011). Mas o que se observa é que os conteúdos analisados vão além desta taxonomia, pois são decolonizadores. Como observadores participantes e colaboradores, podemos apontar que o sentido de fonte “ativa” vai além da mera produção de textos (*releases*) enviados para a redação, como aponta o autor, mas enseja participação na mobilização dos fatos.

Nos conteúdos analisados é perceptível como o portal busca elaborar uma narrativa comum entre os jornalistas, comunicadores e as pessoas afetadas. Essa interação jornalista-fonte se dá desde a escrita das reportagens, até a coleta de informações e construção das narrativas, assim reforçando laços de confiança.

Na reportagem “1”⁶, “3” e “7”⁷, colaboradores do Ocorre Diário participam de um grupo de *WhatsApp* com a família e os defensores populares, onde juntos buscavam uma elaboração solidária e sensível para com a família vítima da violência policial. A mãe tem voz ativa no processo comunicativo, como é possível no trecho do conteúdo “3”, antecedido por uma nota explicativa e seguida pelo depoimento da mãe: “Temos que denunciar esse desrespeito, a violência extrema da polícia, despreparo e desprezo com o ser humano”.⁸ O uso do *WhatsApp*⁹ nesta reportagem foi fundamental para a articulação dos

⁶ Disponível em: <https://ocorrediarario.com/11-tiros-4-guardas-municipais-e-um-homem-executado-violacao-dos-direitos-humanos-e-desencontros-das-narrativas/>

⁷ Disponível aqui: <https://ocorrediarario.com/sem-respostas-familia-de-homem-executado-em-teresina-aguarda-ha-27-dias-pelo-sepultamento/>

⁸ Disponível em: <https://ocorrediarario.com/quando-eles-atiraram-no-meu-filho-eles-atiraram-em-mim-tambem-e-na-sociedade-diz-mae-de-homem-executado-em-teresina/>

⁹ Tema que pode ser melhor explorado em pesquisas futuras, por não ser foco desta investigação.

sujeitos envolvidos que, ora fontes, ora proponentes dos conteúdos, estiveram em completa colaboração com os comunicadores do Portal.

A matéria “2”¹⁰ foi construída a partir da articulação de um dos colaboradores do Ocorre Diário, arquiteto e militante pelo direito à cidade, em colaboração com o movimento “#OcupeFreiSerafim”, que escreveu o conteúdo textual. Esse movimento traz a fonte popular para o centro, garantindo o direito de dizer a palavra coletiva, que é constantemente subalternizada. Neste processo a confiabilidade aos segmentos populares é fundamental para a construção horizontal, participativa e com autonomia (FREIRE, 1987; 1996) e caros à comunicação popular. Movimento parecido ao observado na matéria “10”¹¹, onde além de um texto introdutório, os comunicadores optaram por inserir outro texto, produzido integralmente por uma das fontes ouvidas, a Professora Raquel Ronilk, que passou a compor também um lugar de destaque no conteúdo textual.

Como os ciclos das águas, a fonte cumpre seu destino de nascente, caminha e retorna de onde veio. No exemplo da Matéria “4”, a fonte “expert”, da classificação “grupo”, apontada por Schmitz (2011) anteriormente, sai do costumeiro lugar de “discurso de autoridade”, para construir uma narrativa coletiva com a comunidade. O antropólogo não aparece apenas na modalidade de fonte que presta depoimento, mas se constitui dentro da narrativa coletivamente com a comunidade, que solicita a construção da reportagem e para onde ela retorna, completando um ciclo.

A ruptura na narrativa hegemônica também se dá quando os jornalistas e comunicadores populares adotam uma narrativa de vivência, tomando o lugar da primeira pessoa (nós ou eu) imiscuindo-se enquanto fonte, pois observa e participa da realidade.

Isto é mais nítido nas reportagens “Elas nas telas” (“8”), onde o jornalista vivenciou o evento e narra cenas e trocas ao longo da atividade artística, e na reportagem “E o Delta do Parnaíba? O perigo do petróleo cru não acabou” (“4”), onde é possível acompanhar um relato com características próximas de uma etnografia. Desta última, destaca-se o seguinte trecho: “Leandro é técnico do Torto Futebol Clube, irmão de Betinha e atual presidente da Amar Delta. Foi com ele que peguei o quadriciclo do Torto para a comunidade de Caiçaras, de

¹⁰ Disponível aqui: <https://ocorrediarario.com/manifestacao-mais-de-20-entidades-se-unem-nesta-segunda-16-contra-destruicao-da-frei-serafim/>

¹¹ Disponível aqui: <https://ocorrediarario.com/ex-relatora-da-onu-pelo-direito-a-moradia-raquel-rolnik-se-lanca-em-defesa-das-familias-atingidas-pelo-programa-lagoas-do-norte/>

onde partiríamos para a praia do Feijão Bravo – por água”.¹² Assim, observamos uma relação de interação com sujeitos sociais da realidade narrada na matéria.

Na matéria “8” a jornalista (pessoa não binária) se coloca como narradora de um dia de sol e grafitagem nas ruas, captando linguagens e subjetividades das mulheres do hip hop. “Nos depoimentos podemos perceber como o corre das manas é puxado. Cada uma com suas peculiaridades que giram em torno de vários tabus: a maternidade, a sexualidade, o machismo, a família, o lar, a rua, os amores, as dores”. Observamos que o empoderamento por meio da linguagem também é uma forma de fortalecer o protagonismo da fonte¹³.

Na reportagem “6”¹⁴, por se tratar de um tema de cunho científico em um momento pandêmico ainda desconhecido e além disso, por trazer a questão racial na ciência, a equipe optou por buscar um *feedback* mais próximo da fonte, professor e pesquisador universitário. Esta mesma prática é adotada pelo veículo em narrativas mais delicadas, evitando reverberar opressões recorrentes na mídia, assim como evitar abordagens errôneas em questões técnicas. Uma prática não usual no jornalismo convencional, que aqui abre caminhos de novas aprendizagens para pensar outras estratégias de participação ativa das fontes.

Nota-se, que por vezes a relação fonte-jornalista é fluida, como é este caso da matéria “5”, coprodução com o Centro de Defesa Ferreira de Sousa. A matéria tem 4 vídeos de depoimentos feitos pela própria comunidade, ficando a cargo dos demais colaboradores do portal realizar uma investigação dos documentos oficiais do Painel de Inspeção do Banco Mundial e da carta-denúncia enviada pela comunidade a este órgão para construir uma reportagem plural e mais completa possível do ponto de vista da complexidade da situação que envolve comunidade, órgãos públicos e órgão de financiamento mundial. Na reportagem há um trecho da carta-denúncia: “Acreditamos que reassentamento involuntário seja a última opção para o projeto, de acordo com a política do banco, mas na verdade não é dessa forma que está acontecendo, os moradores não estão tendo a opção de ficar nas suas residências”¹⁵. Desta feita, observamos que há uma busca por cavar o

¹² Disponível em: <https://ocorrediarario.com/e-o-delta-do-parnaiba-o-perigo-do-petroleo-cru-nao-acabou/>

¹³ Disponível em: <https://ocorrediarario.com/elas-nas-telas/>

¹⁴ Disponível em: <https://ocorrediarario.com/buriti-do-cerrado-tem-potencial-inibidor-covid-19-e-tem-pesquisador-negro-no-piaui-liderando-esse-estudo/>

¹⁵ Disponível em: <https://ocorrediarario.com/programa-lagoas-do-norte-banco-mundial-abre-investigacao-para-apurar-violacoes-do-direito-a-moradia/>

lugar reparador da escuta e da fala dos setores subalternizados e demonstra possibilidades para construção de um jornalismo comprometido e plural.

As fontes deixam de ser apenas um recurso depositário de informação e passam a protagonizar outros processos, como o de elaboração e sugestão de pautas, escrita textual, produção audiovisual e, até mesmo, de produção e revisão dos conteúdos. Assim, é possível vislumbrar espaços capazes de ampliar a sua potência e de uma comunicação re-humanizadora e desprendê-la do caráter instrumental, criando espaços de participação e para o direito de dizer a palavra.

A exemplo da reportagem “9”, quanto aos moradores da Vila Ferroviária, que partiu da colaboração de um vídeo-entrevista de uma liderança comunitária da comunidade Boa Esperança que foi prestar solidariedade à Vila. No texto há depoimentos de especialistas e nota da prefeitura. Mas o lugar central da narrativa é a comunidade, como é possível perceber nesse trecho, que traz também as contradições do conflito: “Há 2 anos a promessa da Prefeitura era fazer a obra da galeria depois da Via Sul. Agora chegaram sem nenhuma possibilidade de diálogo, sem nenhuma proposta de indenização, querendo expulsar os moradores”¹⁶.

Considerações finais

Os ARTIGOS devem ter o mínimo de 30 mil e o máximo de 40 mil caracteres (com espaços), incluindo títulos, resumos e referências. A extensão das referências dos trabalhos não deve ser superior a duas páginas, com exceção para os casos em que jornais e revistas sejam utilizados como corpus de análise e estes constem na lista de referências.

A práxis produtiva do Ocorre Diário questiona tanto as rotinas produtivas do jornalismo hegemônico como as hierarquias por este instituídas na produção da notícia, colocando repórteres e atores sociais envolvidos num plano horizontal na construção das narrativas. Ao fazer isso, o Ocorre Diário promove rupturas no modo de fazer hegemônico e um reposicionamento das “fontes” nos processos de produção dos conteúdos jornalísticos.

Não se trata de negar as teorias e o fazer até aqui já feito. Antes, é um despertar para os refazimentos dos modos de estar no mundo, contribuindo para decolonizar a comunicação. Nesta tessitura, o Ocorre Diário busca uma comunicação participativa, desde as vozes populares, assim desdobrando-se

¹⁶ Disponível em: <https://ocorrediarario.com/moradores-sofrem-ameaca-de-demolicao/>

em uma comunicação que também educa, pois busca mecanismos diários para a quebra do silenciamento histórico. Esse movimento não se trata apenas de dar espaço, mas de incentivar um processo horizontal e coletivo de “fazer com”, de “construir junto”, promovendo uma participação ativa no processo, indo além do que historicamente vem sendo feito pelo jornalismo hegemônico/convencional.

No contraponto da quádruple colonialidade (VILLANUEVA, 2017) enfatizamos o caráter decolonial da comunicação dialógica, a partir do reposicionamento das fontes. Pois esse diálogo desponta como construção participativa e plural em uma práxis que tensiona as múltiplas colonialidades: 1) desconstrói as hierarquias de corpos e vidas instituídas pelo racismo e o patriarcado (Colonialidade do Poder), uma vez que dialoga e interage com os setores historicamente oprimidos pela raça e gênero; reconfigura os imaginários sociais (Colonialidade da Cultura); 2) O Ocorre Diário busca desestabilizar as hierarquias epistêmicas, colocando saberes num plano de igualdade, e cooperação (Colonialidade do Saber), onde sujeitos comunitários constroem participativamente com sujeitos oriundos do ambiente acadêmicos, mesmo compreendendo as dificuldades deste percurso; 3) cria novas práxis, afetando a ordem prática da vida (Colonialidade do Fazer), uma vez que estabelece novas formas do fazer comunicacional, onde o modo de produção do jornalismo ganha uma roupagem popular para dialogar com os setores populares. Concluímos aqui, acreditando na necessidade urgente de refletir e aprofundar essas temáticas e conceitos.

Bibliografia

BOURDIEU, P. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2009.

CARVALHO, S. & SILVA, M. **Regionalização do Webjornalismo do Piauí: Um Estudo dos Portais Meio Norte, O Dia e Cidade Verde**. Intercom, 2017. Disponível em: <<https://portalintercom.org.br/anais/nacional2017/resumos/R12-2212-1.pdf>>. Acessado em 15 Jul. 2021.

DIAZ BORDENAVE, J. E. **O que é participação**. São Paulo: Brasiliense, 1983.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. (17.ed.). Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.

FREIRE, P. **Política e educação**. (2ª ed.). São Paulo: Cortez, 1995.

KAPLÚN, M. **El comunicador popular**. Quito, Ecuador: Ediciones CIESPAL, 1985.

LAGE, N. **Linguagem jornalística**. (8.ed.) São Paulo: Ática, 2006..

LAGE, N. **A reportagem: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística**. Rio de Janeiro: Record, 2001.

LIMA, V. A. de. **Comunicação e cultura: as ideias de Paulo Freire**. (2. ed. rev.). Brasília: Editora Universidade de Brasília: Fundação Perseu Abramo, 2015.

- PERUZZO, C. **Da observação participante à pesquisa-ação em comunicação: pressupostos epistemológicos e metodológicos.** INTERCOM, 2013. Disponível em: <www.intercom.org.br/papers/nacionais/2003/www/pdf/2003_COLOQUIO_peruzzo.pdf>. Acesso em: 14 jul. 2021.
- PERUZZO, C. **Aproximações entre a comunicação popular e comunitária e a imprensa alternativa no Brasil na era do ciberespaço.** (17, pp. 131-146). São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2009.
- PINTO, M. **Fontes jornalísticas: contributos para o mapeamento do campo.** (vol. 14, pp. 277-294). Comunicação e Sociedade 2, 2000.
- MIGNOLO, W. **Colonialidade: o lado mais escuro da modernidade.** (94, vol. 32). Realidade, 2017.
- MIGNOLO, W. **A colonialidade de cabo a rabo: o hemisfério ocidental no horizonte conceitual da modernidade.** In: LANDER, E.. **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais.** Ciudad Autónoma de Buenos Aires, Argentina: CLACSO, 2005.
- MORAES, Dênis de. **O papel e os desafios da comunicação contra-hegemônica em rede.** Boitempo, 2013. Disponível em: <<https://blogdaboitempo.com.br/2013/02/27/o-papel-e-os-desafios-da-comunicacao-contra-hegemonica-em-rede/>>. Acesso em: 10 de abr. 2022.
- QUIJANO, A. **Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina.** In LANDER, E. **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais.** Ciudad Autónoma de Buenos Aires, Argentina: CLACSO, 2005.
- REYES-MATTA, F. **La comunicación transnacional y la respuesta alternativa.** In: Simpson, M.. **Comunicación Alternativa y Cambio social.** (2.ed., pp. 104–126). México: Premia Editora, 1989.
- TORRE, A. E. M. G. de la. **Produtos midiáticos, estratégias, recepção. A perspectiva transmetodológica.** Revista do Programa de Pós-graduação em Cinema e Audiovisual da Universidade Federal Fluminense. Rio de Janeiro, 2002.
- SOUSA, L. L. de. **A investigação científica como construto: reflexões transmetodológicas.** In: MORALES, Y.; SOUSA, L. & LAPA, B. **Experiências metodológicas em pesquisas da comunicação.** São Luís: EDUFMA, 2018.
- SCHMITZ, A. A. **Fontes de notícias: ações e estratégias das fontes no jornalismo.** Florianópolis: Combook, 2011.
- VILLANUEVA, E. T. **La rehumanización, sentido último de la decolonización comunicacional.** (23, p. 31-38). Rev Aportes, 2017.
- WALSH, C. **Lo pedagógico y lo decolonial: Entretejiendo caminos.** In: WALSH, C. (2013). **Pedagogias decoloniais: Práticas insurgentes de resistir, (re) existir e (re) vivir.** (p. 13-68). Quito: Ediciones Abya Yala, 2013.

Recebido em: 30-03-2022

Aceito em: 13-09-2022